

LITERATURA BRASILEIRA EM GOIÁS: UMA FLOR QUE NASCEU ENTRE PEDRAS

José Humberto Rodrigues dos Anjos (UEG –UnU Iporá)

RESUMO: O presente artigo faz uma abordagem histórica sobre os primórdios da Literatura Brasileira em Goiás, contextualizando com o surgimento do Modernismo e apontando assim alguns de seus nomes mais significativos. Mostra ainda os fatores que contribuíram para que tal literatura saísse da situação marasmática inicialmente experimentada e chegasse ao seu apogeu atual.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, Goiás, história.

2. Do nascer entre pedras

A poesia em Goiás, assim como a Literatura de um modo geral, é muito diversificada e mesmo despertando tardiamente, como cita Teles (1983), abarca nomes de grande destaque no cenário Nacional como Cora Coralina, Hugo de Carvalho Ramos, Bernardo Élis, José J. Veiga e Gilberto Mendonça Teles. Porém, nota-se que esta Literatura carece de leituras mais apropriadas que investiguem a densidade dos projetos literários e busquem conhecer mais profundamente a fortuna crítica abundante de Goiás.

Se comparada com ao cenário Nacional, a Literatura em Goiás tardou a amadurecer. Muitos foram os fatores que contribuíram para que as manifestações literárias em Goiás acontecessem tardiamente, Gastão de Deus cita alguns deles

O isolamento geográfico e espiritual do Estado e, sobretudo em suas regiões norte nordeste, a imaturidade político-administrativa e a preocupação primária de nossos antepassados constituíram as causas históricas que retardaram o aparecimento das primeiras manifestações literárias em Goiás (GASTÃO DE DEUS, Apud A Poesia em Goiás, p. 33).

Alucinada pela exacerbada quantidade de ouro das terras goianas, a massa política que administrava Goiás, não mostrava interesse algum para as necessidades culturais, intelectuais e espirituais do povo. Todo o interesse era direcionado ao

descobrimto das jazidas de ouro. Fato foi que somente mais tarde, por volta de 1773 com o enfraquecimento das lavras de ouro é que se começou a pensar na instrução do povo goiano.

Para compreender melhor a história da Literatura em Goiás, seus processos e evoluções, Gilberto Mendonça Teles (1983) no livro *“A poesia em Goiás”*, divide a história da poesia em seis períodos metodológicos. Assim, começa 1726 com o lançamento do primeiro jornal da província, o quarto do país e que modestamente preparou os goianos para participarem das idéias abolicionistas e republicanas, até a efervescência da Contemporaneidade Literária.

O primeiro período compreende a fase aurífera de Goiás, dos desbravadores e garimpeiros; do Anhanguera e dos Bandeirantes que vieram para o Centro-Oeste. Esta fase refletiu-se em vários poemas e escritos da época, principalmente os de Bartolomeu Antônio Cordovil (1746 – 1810), mineiro cuja voz poética foi uma das primeiras em Goiás.

Além de Cordovil, foram importantes neste primeiro período Luiz Antônio da Silva e Sousa (1764-1840), Florêncio Antônio da Fonseca Grostom (1777-1860), Luís Maria da Silva Pinto (1773-1869), sendo que apenas os dois últimos são genuinamente goianos, um fator interessante a ser observado, uma vez que as primeiras vozes da Literatura em Goiás em grande parte vinham de Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Datado de 1830 a 1903, o segundo período é marcado pela fundação de uma Academia de Letras e do primeiro Jornal da Província. É neste cenário que comparecem os nomes de Roque Alves de Azevedo (1839-1869), Antônio Felix de Bulhões Jardim (1845-1887) o poeta romântico, considerado pelos críticos como o mais marcante e querido da literatura em Goiás, Edmundo Xavier de Barros (1849-1899) e Manuel Lopes de Carvalho Ramos (1864-1911) dentre outros.

É neste período, mais especificamente em 1890 que Goiás apresenta de forma mais concreta as manifestações intelectuais que possui fato esse que reflete no grande fenômeno editorial da fase seguinte.

O terceiro período vai de 1903 a 1930 e é o marco de um grande movimento editorial que tomou conta do Estado e que em consequência gerou uma boa aceitação do Romantismo, escola mais difundida por estes meios e que foi iniciada em Goiás por Joaquim Bonifácio.

Nesta época já bem enfraquecido, o mercado aurífero cede espaço para as atividades agrícolas e agropecuárias que se formam principalmente nos arredores das cidades. Mesmo com a Independência, as mudanças no cenário político de Goiás não foram muitas, entretanto, o espírito nacionalista tomou conta dos poetas e intelectuais goianos, e a imprensa jornalística assumia nesta época um grande papel.

Sobre este período Teles (1983), faz alguns apontamentos que revelam a ebulição intelectual que Goiás vivia, e afirma que

Estado viveu, pelo menos nos primeiros anos, a sua mais intensa atividade intelectual, assinalando-se neste período uma inquietação de espíritos, cuja consequência imediata é a grande produção literária, principalmente na poesia e no jornalismo, registrando-se também o aparecimento dos primeiros contos... (TELES 1983 p. 69).

Nota-se ainda que mesmo de forma bem vagarosa as ideias parnasianas e simbolistas vão aparecendo e até o final deste terceiro período, o Romantismo cede espaço para o predomínio absoluto do Parnasianismo que só se encerrará em 1928 com o lançamento do livro de poemas *Ontem* de Leo Lynce que inicia então o Modernismo em Goiás.

Grandes nomes como Henrique Silva (1865-1935), Joaquim Bonifácio Gomes de Siqueira (1883-1923), Luis Ramos de Oliveira Couto (1888-1948), Gastão de Deus Victor Rodrigues (1883-1917), Victor de Carvalho Ramos e Hugo de Carvalho Ramos (1895-1921) são assinaturas deste período. Cabe destaque nesta época a presença de Leodegária de Jesus (1889-1978), a primeira mulher a publicar um livro em Goiás.

De 1930 a 1942, o quarto período é marcado pela fundação de Goiânia que acontece em julho de 1942 e que reflete muito na escrita poética da época, sendo que a mudança é vista como um passo evolutivo para Goiás. Simultaneamente têm-se a publicação de *Oeste*, um dos órgãos de orientação política do Estado e o começo da instalação verdadeira do Modernismo em Goiás, que culmina com a fundação da Academia Goiana de Letras em 1939.

Neste quarto período continuam-se os avanços culturais e intelectuais. Uma das grandes novidades é o surgimento da prosa e os primeiros ventos visíveis e concretos do Modernismo. As novidades iniciadas no Brasil pelos modernistas de 1922

começam a chegar a Goiás, 40 anos depois do evento marco do Modernismo brasileiro: a Semana de Arte Moderna.

Momentos como a revolução branca (1909) e as revoluções nacionais (1922 – 1924), refletiam de alguma forma na cultura goiana, com mais ênfase na educação até então estagnada e que só teve uma mudança significativa com a revolução de 1930, ou de forma mais concreta, vinte anos após a mudança da capital para Goiânia.

Entusiasmados com as novas tendências e já sentindo as mudanças principalmente, no campo estético do Modernismo, os poetas vão adequando ao que Teles (1983) cita como “novas condições político-sociais”. Esta fase dava início, mesmo que de forma modesta, ao que mais tarde se chamou de Pós-Modernismo, ou terceira geração do Modernismo brasileiro.

São nomes de destaque neste período: Leo Lynce (1884-1954), Antônio Americano do Brasil (1891 – 1931), José Peixoto da Silveira (1913-1987) e José Xavier Pedro Celestino da Silva Filho (1915-1996).

Cabe destaque nesse período, principalmente na década de 1930 a 1940 a grande movimentação do Elemento Feminino na Literatura de Goiás, marcado pelas vozes de: Maria Paula Fleury de Godoy, Rosarita Fleury, Nelly Alves Almeida, Genezy de Castro e Silva e Cora Coralina (1889-1985). O movimento ficou conhecido entre outros motivos pela atuação nos Jornais *A Rosa* (1907) e *O Lar* (1926).

No período seguinte que vai de 1942 a 1955, o quinto, considerado pela crítica um dos mais importantes para as letras goianas, vem a público dois acontecimentos muito importantes para a Literatura em Goiás; a criação da Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos em 1943 e a I Semana de Arte em Goiás realizada em julho de 1956.

Tais acontecimentos visavam romper com o marasmo que dominava os intelectuais da época, um comodismo que não gerou muitos frutos literários para Goiás. Teles afirma que

Um marasmo tomou conta de nossas letras, registrando-se apenas o lançamento de *Poemas e elegias* (1953), de José Décio Filho e *Alvorada* (1955), de Gilberto Mendonça Teles. Esteticamente, adota-se nesta fase o Modernismo defendido por Manoel Bandeira e Mario de Andrade. É o período mais importante das letras goiana, na poesia e na prosa. (TELES 1983 p. 30).

Com o Modernismo chegando a Goiás em 1942 em Pires do Rio, tal movimento ganharia representações mais significantes e atuantes somente após esta data. Assim é notório em José Décio Filho e Domingos Felix de Sousa as características da segunda fase do Modernismo.

Podem-se perceber ainda em Bernardo Élis e José Godoy Garcia a adesão de aspectos poemáticos que assemelham os escritos de ambos com as de Manuel Bandeira e Mário de Andrade.

Neste período, ganham notoriedade em Goiás os nomes de João Accioli (1912-1990), Bernardo Élis Fleury de Campos Curado (1915-1997), José Godoy Garcia (1918), José Décio Filho (1918-1976), Afonso Felix de Sousa (1925-2002) entre outros.

O sexto e também último período, começa em 1955 e junto com ele surgem os novos valores apregoados pelos 21 números do *Jornal Oio* de 1957, surge aí o que Teles nomeia de nova concepção poética em Goiás. A poética modernista ainda prevalece, mas pouco a pouco vai sendo substituída pelas novas conquistas de técnica e linguagem da Contemporaneidade.

Com a volta ao Regime democrático, em 1945, muitas mudanças começam a acontecer. No campo da educação surge o plano de governo Mauro Borges Teixeira que vê 65% da população goiana como analfabeta e sem condições para ler ou escrever, reflexo do subdesenvolvimento vivido pelo Estado.

Deste período em diante começa-se a notar o crescimento da educação em Goiás, o surgimento de outras faculdades, tendo em vista que o Estado possuía apenas a tradicional Faculdade de Direito, Faculdade de Farmácia e Odontologia e a de Filosofia.

Na área da Literatura tem-se a grande participação da Universidade Federal de Goiás que coloca em funcionamento o Centro de Estudos Brasileiros dividindo-o em duas linhas de estudo: o Curso de Estudos Goianos, voltado às realidades do Estado e o de Estudos Brasileiros, voltado as realidade nacionais.

Vendo que a Literatura em Goiás necessitava de incentivo e de mais possibilidades de se manifestar, o Reitor e criador da Universidade Federal de Goiás; Colemar Natal e Silva, lança então o I Concurso Literário da Universidade Federal de Goiás, que em parceria com o Jornal *O Popular* propicia mais visibilidade a nomes como: Eli Brasiense (1915-1998) com o romance *Rio Turuna*, Bernardo Élis (1915-1997) com o conto *O caminhão de arroz*, Gilberto Mendonça Teles (1931) com o ensaio *A Poesia em Goiás – estudo/antologia* e Maria Lúcia Felix de Sousa (1950) com o livro de poesias *Rosa no vento*.

Outro fator importante nesta época data de 1956 com a fundação do grupo Os XV, que surgia em manifesto às críticas de intelectuais paulistas à Literatura de Goiás, uma luta discreta que se firmou entre novos e velhos poetas e escritores.

Um aspecto que também não pode ser desconsiderado desta época data de junho de 1968, quando a Lei nº 6.979 apresentada pelo Deputado Ursulino Leão, é aprovada. Lei esta que institui para os cursos Ginasiais e Normais em Goiás o ensino da chamada “Literatura Goiana”. A decisão que foi considerada por muitos como acertada e válida, gerou desconforto, uma vez que os materiais disponíveis para estudo não eram de fácil compreensão aos os alunos, fato que obrigou professores a elaborarem suas próprias apostilas de trabalho.

Nesta perspectiva Augusto Goyano e Álvaro Catelan, elaboram a “Súmula da Literatura Goiana”, um livro que serviria como apóio didático para os alunos conhecerem mais intimamente a Literatura de Goiás, observando suas características e conhecendo seus autores mais importantes.

A Lírica em Goiás, especificamente, tem crescido muito e, a cada dia, propicia uma reconhecida fortuna crítica para os arautos da literatura deste País e até mesmo do exterior. Assumindo uma característica própria das terras goianas, a poesia em Goiás reflete o que Machado de Assis considera que

Não há dúvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região; mas não estabelecemos doutrinas tão absolutas que a empobrecam. O que se deve exigir do escritor, antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos, no tempo e no espaço. (Machado de Assis, Apud A Literatura no Brasil, 1999 p. VI).

Alimentada das ações cotidianas vividas pelos poetas goianos a poesia em Goiás tem como inspiração as festas populares e religiosas, o folclore goiano e as inúmeras situações vividas pelo sertanejo. Nos primeiros vultos literários, escrevia-se o que se estava vivendo ou sentindo, talvez por este motivo Leodegária de Jesus fosse tão criticada ao lançar o seu Coroa de Lírios, um retrato de sua própria vida, imatura e de jovem romântica.

Observa-se no cenário da lírica em Goiás, uma trajetória que é marcada por grandes acontecimentos, mas que tardou para amadurecer se comparada as evoluções que aconteciam no Brasil. Muitos são os fatores que podem ter influenciado neste “tardar evolutivo” da poesia, que mesmo comungando de experiências significativas só

conseguiu reconhecimento após períodos de evoluções, não só literárias, mas também de cunho político.

Na Obra, *A poesia em Goiás*, de Gilberto Mendonça Teles, nos é apresentado alguns dos fatores significantes que colaboraram para que a lírica em Goiás amadurecesse e porque isso demorou a acontecer. Nesta perspectiva Teles afirma que

Se é incontestável ser ainda incipiente a literatura em Goiás, é também fora de dúvida que a nossa evolução literária vem seguindo uma linha nítida de amadurecimento. Tendo partido das mais primárias manifestações de poesia e sem nenhuma experiência válida noutro gênero até 1917, vem, desde essa época, adquirindo uma expressividade e uma organicidade até certo ponto admiráveis, passando gradativamente do conto ao romance, do romance ao teatro e deste ainda que lentamente, à crítica literária. (TELES, 1983 p. 21).

Conclui-se que o crescimento da lírica em Goiás, aconteceu de forma gradativa, e como cita Teles, começou de forma modesta e sem experiências em outros gêneros, nascendo das pedras, da política arcaica de Goiás, comungando com as tendências nacionais e recebendo a influências de outros Estados.

Partindo da forma inexpressiva até ganhar as expressões máximas de marcas literárias, a poesia em Goiás floresceu e amadureceu bastante, tornando-se não só um signo importante para os estudos literários de Goiás, como também um retrato da cultura goiana apresentada para o contexto da cultura nacional; um celeiro de literatura de qualidade.

2.1 - Crescendo flor-modernismo

Sabe-se que o Modernismo foi para o Brasil uma grande ferramenta de transformação cultural, seja na cena artística ou mesmo na sociedade da época, que na primeira metade do século XX acompanhava as grandes mutações que a literatura e as artes começavam a aceitar.

O Brasil estava preparado e as condições sociais, mesmo que conturbadas, permitiam que um novo momento se iniciasse. As ideias revolucionárias e escandalosas estavam surgindo, marcando o fim de um período marasmático na literatura nacional, que era caracterizada por uma estética formalista, linguagem presa, melódica e romântica, características típicas do Parnasianismo e Simbolismo, escolas visivelmente em queda.

Acerca destas condições sociais e do advento que preparava a vinda do Modernismo SODRÉ (2002) nos afirma que

A originalidade que define uma literatura como instrumento de expressão, que é o seu veículo, não surge por acaso, senão no período próprio, quando as condições sociais permitem. Na fase colonial – que avança muito além da autonomia política – tais condições não existiam, nem poderiam mesmo existir. O esforço posterior à independência, configurado nos quadros do Romantismo foi a primeira tentativa para definir a fisionomia literária autêntica... Por esse tempo, surgiram ou cresciam, entre nós, os fundamentos iniciais para o estabelecimento de condições em que a originalidade e a forma de expressão se produzissem. (SODRÉ, 2002 p.571)

As transformações começavam a acontecer, e modestamente iniciava-se no Brasil, um movimento que além de uma grande mudança em várias áreas do conhecimento e da cultura, propunha um debate mais concreto sobre a identidade nacional, mostrando as multifaces do País através da arte.

Para muitos críticos como Vera Lúcia de Oliveira (2001) o Modernismo foi muito além das esferas de mudanças, e representou ainda a ligação definitiva do Brasil num Universo em grande crescimento: o da Literatura e das Artes Plásticas de vanguardas.

O rompimento com os tradicionalismos propostos pelo Parnasianismo, Simbolismo e Arte Acadêmica, era claro, e fato foi que as rupturas propostas pelo Modernismo brasileiro eram objetivas e totalmente contraditórias a tais escolas literárias. Os intelectuais da época, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Anita Malfatti, Di Cavalcanti dentre outros que já haviam comungado das tendências modernistas fora do país, se organizaram e deram o grito de ruptura, que se concretizou com a Semana de Arte Moderna de 1922.

Considerado por Alfredo Bosi (2001) como um “evento divisor de águas na história da cultura brasileira”, a Semana de Arte Moderna de 1922, aconteceu em um cenário político conturbado que afligia tanto a sociedade, quanto a cultura e a economia. Tal evento, não somente foi o mais importante para o Modernismo como também se consagrou como inauguratório de um novo período na Literatura brasileira.

Entretanto, segundo SODRÉ (2002) a Semana não passou de um evento inaugural, que com o tempo foi sensacionalizado por seus idealizadores que viram o evento com uma força maior do que o próprio movimento. E afirma que

A historiografia literária brasileira convencionou a realização da manifestação da Semana de Arte Moderna como início de uma nova etapa em nosso desenvolvimento literário, a do Movimento Modernista, ou Modernismo. A semana tem sido superestimada, sem dúvida alguma, pois sua importância, meramente episódica, embora característica sob muitos aspectos do verdadeiro caráter do movimento, foi muito menor do que pretendem fazer crer alguns de seus participantes e alguns de seus cronistas. (SODRÉ, 2002 p. 574).

A proposta inicial era trazer para a sociedade da época um estilo novo, uma nova estética, uma nova maneira de ver a identidade cultural brasileira, assim começa um processo de redefinição da linguagem artística no Brasil, marcado pela força máxima do adjetivo “novo”.

Foram três dias de exposições que marcavam de forma definitiva as ebulições das novas ideias que contemplaram das Artes Plásticas à Literatura escrita. Da recitação de poesias às palestras que abordavam a modernidade como período de eclosão dos propósitos novos e da negação de tudo que era velho, passado.

O novo estendia-se a Poesia que passava agora a ser declamada com vivacidade e sentimentos de indignação e humor. A Música que era em forma de concerto, com um tom mais refinado e sarcástico, e as Artes Plásticas que ganhavam outra roupagem ao serem apresentadas em grandes telas, sinuosas esculturas e imponentes maquetes.

Muitas novidades que na Europa já haviam sido experimentadas como o cinema de Charles Chaplin ou os livros dos dadaístas e surrealistas franceses começavam a ser apreciados pelos brasileiros, fato que seria determinante na formação de ideais do modernismo brasileiro. Ao escrever sobre tal evento, BOSI (2001) afirma que

Seja como for, o intelectual brasileiro dos anos 20 teve que definir-se em face desse quadro: as suas opções vão colorir ideologicamente a literatura modernista. Em um nível de cultura bem determinado, o contato que os setores inquietos de São Paulo e do Rio mantinham com a Europa dinamizaria as posições tomadas, enriquecendo-as e matizando-as. (BOSI, 2001 p. 305).

Fato é que nem todos gostaram muito das propostas da Semana de Arte Moderna, muitos passadistas se sentiram indignados com as novidades trazidas, o resultado foram vaias e muitas manifestações enquanto as apresentações aconteciam. A

ruptura do estado de vanguarda para a modernidade era clara, e nem todos aceitavam isso com tranquilidade, Bosi (2001) relembra que

A grande noite da Semana foi a segunda... O espetáculo de Vila-Lobos, no dia 17, foi perturbado, principalmente porque se supôs que fosse ‘futurismo’ o artista se apresentar de casaca e chinelo, quando o compositor assim se calçava por estar com um calo arruinado... Mas não era contra a música que os passadistas se revoltavam. A irritação dirigia-se especialmente à nova literatura e às novas manifestações da arte plástica... Na segunda noite todos o sabem, o público e os próprios modernistas, que haverá algazarra e pateada. Minotti del Pecchia, em seu discurso, prevê que os conservadores desejam enforcá-lo. (BOSI, 2001 p. 337).

Na perspectiva de Afrânio Coutinho (1996), o modernismo brasileiro foi de suma importância para os rumos da literatura nacional, consolidando-se como uma inovação criteriosa que não visou somente copiar as tendências europeias, mas também de reorganizá-las dentro do contexto social e cultural brasileiro. Nesta dinâmica afirma que

Costumeiramente dividido em três fases ou gerações pelas histórias literárias, o Modernismo brasileiro, eclodido em 1922 com a Semana de Arte Moderna, foi um movimento de importância capital para as letras no país. Tendo assimilado alguns dos ideais ou postulados das diversas correntes de Vanguarda provenientes da Europa, o movimento procedeu – ao contrário do que ocorrera com as anteriores, que não passaram *grosso modo* de meras adaptações de seus equivalentes europeus – a uma revisão criteriosa da literatura brasileira, que pode ser bem representada pela metáfora da antropofagia de que ele mesmo se valeu como bandeira. (COUTINHO, 1996 p. 237).

Manifestações à parte, a Semana de Arte Moderna aconteceu, e o Modernismo ganhou considerável força entre alguns dos intelectuais da época.

Com o grande sucesso da Semana de Arte Moderna e com os frutos colhidos no decorrer da história, haja vista que na época em que aconteceu a Semana não teve tanta repercussão quanto possui hoje, o Modernismo se alastrou Brasil afora e mesmo demorando a chegar a alguns Estados tomou conta do cenário literário nacional, transformando-o e fazendo deste período um marco na produção literária brasileira.

Inicialmente o Modernismo aconteceu nos principais e grandes núcleos urbanos, São Paulo e Rio de Janeiro, porém caminhou a passos lentos para as províncias

mais longínquas onde ganhou novos aspectos, o que configurou ainda mais sua importância no cenário nacional.

2.2 As flores - Expoentes do modernismo em Goiás

Em Goiás os primeiros ecos do Modernismo eclodiram na Cidade de Pires do Rio em 1922, contudo afirma Teles (1983) que somente a partir de 1942 é que foi possível observar com mais vicissitude a presença atuante dos modernistas no Estado.

Iniciado em Goiás por volta de 1928 na voz de Leo Lynce, o Modernismo apresenta-se com mais força e expressividade em quatro poetas que são entre outras considerações, os expoentes da literatura modernista em Goiás. São eles: Bernardo Élis Fleury de Campos Curado (1915-1997), José Godoy Garcia (1918-2001), José Décio Filho (1918-1976) e Domingos Felix de Souza (1923).

Muitas são as características que ligam estes quatro nomes ao Modernismo brasileiro. Porém uma característica de maior relevância os une, e Gilberto Mendonça Teles esclarece que

Na obra dos autores deste período, principalmente dos quatro há pouco citados, encontram-se os vestígios da grande catástrofe. A guerra havia-se transformado numa fonte de inspiração, em novos motivos de poesia para uma época política e literária que se iniciava em Goiás, com a capital em Goiânia (TELES 1983 p. 141).

Para Teles, o atraso literário dos escritores modernos em Goiás colaborou para que se experimentasse do Modernismo quando no cenário nacional o movimento já estava em seu apogeu. Declara ainda que

Quando se esboça o nosso movimento moderno, já o Modernismo nacional caminhava para a sua terceira fase, perfilhando uma filosofia estética bastante diferente da primeira. E o que se deu em Goiânia foi à adesão completa, principalmente de Bernardo Élis e José Godoy Garcia, aos aspectos poemáticos que caracterizaram os poemas de Manuel Bandeira e Mário de Andrade... José Décio Filho e Domingos Felix de Souza já refletem as características da segunda fase, em que Carlos Drummond de Andrade... Deste modo, enquanto no plano nacional predominavam as idéias estéticas da 'Geração de 1945', terceira fase de evolução do Modernismo brasileiro, em Goiás assistíamos ao advento dessa escola nas suas primeiras fases e púnhamos em ação idéias literárias já de certo superadas na literatura nacional. (TELES 1983 p. 136).

Sendo assim percebem-se a influência de Manuel Bandeira, Mário de Andrade e Drummond, na lírica dos expoentes Modernistas em Goiás, figuras importantes para a implantação e sustentação de tal escola literária no Estado.

O primeiro dos quatro grandes expoentes é Bernardo Élis (1915-1997) natural de Corumbá de Goiás. É considerado a figura mais importante do Modernismo goiano, foi um dos primeiros a apresentar características semelhantes às de Bandeira e Mário de Andrade.

Bernardo Élis um dos regionalistas mais estudados de Goiás, afirma em entrevista concedida para o *Jornal Opção on line*, em julho de 1996 que há um preconceito muito grande para com os regionalistas, que são muitas vezes vistos como propagadores de uma literatura sem muitas qualidades.

Embora tenha partido da poesia, Bernardo logo migrou para o conto regionalista que o consagrou como o “maior contista do Brasil Central”, e assim assinala Gilberto Mendonça Teles (1983) tornou o nome da família Curado mais conhecido ainda, uma vez que seu pai Érico Curado já havia se configurado como o poeta simbolista mais importante de Goiás.

Conhecido no cenário nacional, Bernardo Élis tornou-se um grande ícone da Literatura de Goiás, sendo homenageado com vários prêmios. Seu primeiro livro “Ermos Gerais” de 1944 foi o primeiro a ser editado pela Bolsa Hugo de Carvalho Ramos, contudo o livro de maior penetração na cultura brasileira foi “Veranico de Janeiro” de 1966.

Os textos de Bernardo Élis, muitas vezes chocaram o público que não compreendia ainda a evolução do escritor, que mesclava um tom sombrio, grotesco e muitas vezes sórdido. Para Teles (1983) o espanto do público devia-se de forma mais direta pela forma com que o goiano escrevia, e assinala que Bernardo Élis

Foi o primeiro dentre nós a refletir influências da linguagem de Bandeira e Mário de Andrade, escrevendo poemas cujo objetivo era mais provocar do que encantar a público leitor. Apegou-se aos poemas-piada, adotou soluções antipoéticas e procurou carrear para seu poema toda uma linguagem revolucionária que ele soube utilizar para o aproveitamento de temas regionais, de cor local e humanos, que muitas vezes escandalizavam os leitores da época. (TELES, 1983 p. 139)

Muito expressivo para a literatura em Goiás, Bernardo Élis é apresentado pela *Súmula da Literatura Goiana*, como um poeta nato que desde sua infância já demonstrava habilidades para a literatura e em breve comentário esclarece que

Bernardo Élis, em consciência com o grupo “Oeste” revista defensora dos ideais Modernistas, introduziu, definitivamente o movimento iniciado por Mário de Andrade e Oswald de Andrade, em Goiás. Apesar de ter tentado a poesia fixou-se, de vez, na prosa, representando o que há de melhor no regionalismo de Goiás e projetando as letras anhanguerinas no plano nacional. (CATELAN & GOYANO, 1968 p. 160).

O segundo nome do quarteto modernista em Goiás é José Godoy Garcia (1918-2001), nascido em Jataí de Goiás, este nome logo se torna crucial para que os estudos literários modernos goianos possam ser melhores compreendidos em suas particularidades. Ao lado de Bernardo Élis torna-se o maior ícone da poesia goiana.

A forma audaciosa, polêmica e muitas vezes imoral como se expressava fez com que José Godoy Garcia fosse nomeado pela crítica como o poeta do povo, uma vez que as pessoas se identificavam muito com sua escrita. Na linguagem, procurou algo mais lacônico, bem denotativo, onde as anáforas foram os recursos mais usados.

Um franco-atirador intelectual muito irônico e por vezes polemizado, José Godoy é muito bem visto pela crítica goiana, que o considera o mais intelectual dos escritores goianos, além de ser um dos membros mais sérios do Partido Comunista em Goiás.

Muitos são os estudos que procuram descrever a grandeza poética de José Godoy. Na introdução da entrevista concedida por ele ao *Jornal Opção on line*, publicado em julho de 1998 lê-se

Há dois tipos de franco-atiradores intelectuais. O primeiro, e mais conhecido, é aquele que atira a esmo, não se preocupando com o conteúdo de seus petardos. O segundo é diferente: atira firme, até com rudeza, mas tem formação, conhecimento. José Godoy Garcia era desta estirpe de franco-atiradores. O poeta não era um crítico acadêmico, mas conhecia a crítica acadêmica, a teoria, e, sobretudo, tinha amplo conhecimento de literatura. (ibid).

Nota-se a polivalência intelectual de Godoy, que algum tempo depois, por volta de 1945 seduzido pelas propostas ideológicas do Partido Comunista quase que abandona os caminhos da Literatura, para seguir a militância política.

José Décio Filho (1918-1976), o terceiro expoente da literatura modernista em Goiás, caminhava em outra linha, menos política e que se associava mais com o segundo grupo de modernistas, de modo mais específico a Drummond.

Sua poesia mantinha ainda o tom amargurado, entretanto parte para uma linguagem poética mais subjetiva, amétrica, coesa e mais homogênea. Em 1953 lança “*Poemas e Elegias*”, que o coloca em um plano elevado na literatura em Goiás. Ao falar sobre José Décio Filho, TELES, comenta quase que de forma poética que

A sua obra poética é, pois, a mais perfeitamente coesa e homogênea em Goiás, constituindo-se numa peça inteiriça os vários poemas que compõe o livro *Poemas e Elegias*. E de tal maneira esses poemas se completam, se identificam nas suas estruturas e vivências, que os sentimentos harmonizados numa mensagem, altamente humana, marcada, entretanto por um vínculo profundo de tristeza e de imensa amargura pessoal. (TELES, 1983 p. 144)

José Décio se configura não só como um dos mais importantes poetas Modernistas no Estado, mas também assume um papel de extrema importância para as gerações futuras, que passam a ter traços bem semelhantes da que ele cultivava.

O quarto expoente goiano do modernismo é, pois então Domingos Felix de Sousa (1923). Natural de Jaraguá formou-se em Direito pela Universidade Federal de Goiás, tornou-se um grande nome da Literatura em Goiás se configurando como pedra angular para os estudos literários, tanto do modernismo quanto de outros períodos, um intelectual fino com uma cultura de amplitude admirável.

Procurou projetar o homem em suas buscas, levando-o para dentro de si mesmo e entender os paradoxos do mundo. Teles reforça a importância de Domingos Felix de Sousa, dizendo que quase todas as atividades intelectuais de porte, ligadas a poesia, conto, crônica e crítica literária desde 1943 passam pela presença brilhante do poeta.

Em 1947 publica o livro de poesias “*A outra face*”, poesias que levavam o leitor a introspecção, a refletir sobre os paradoxos do mundo. Por julgar o lançamento do livro como uma ação de irreflexão, Domingos Felix de Sousa procura reunir todos os exemplares e queima-os, fazendo do livro uma obra rara da Literatura em Goiás.

Vale destacar que os Expoentes apresentados, são apenas alguns dos nomes da lírica em Goiás, sendo que bebendo da fonte do Modernismo foram os responsáveis de dar da mesma água a outros poetas.

Concluindo, podemos dizer que a Literatura Brasileira em Goiás, passou por um período seminal até alcançar a excelência que se tem hoje. Foi em meio a um processo sociocultural conturbado que os escritores, poetas e jornalistas conseguiram

apresentar ao Brasil o que já se sabia por aqui: que a literatura em Goiás, não só rica; é inculta e bela, uma flor que nasceu entre pedras.

Referências Bibliográficas

- BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. 39° ed. São Paulo: Cultrix, 2001.
- CATELAN & GOYANO. *Súmula da Literatura Goiana*. 1° Ed. Goiânia: Editora livraria Brasil Central, 1968.
- COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil: relações e perspectivas, conclusão*. São Paulo: Global, 1999.
- FRIEDRICH, H. *Estrutura da Lírica Moderna*. Trad. Marise M. Corione e Dora F. da Silva. São Paulo: duas cidades, 1991.
- TELES, Gilberto Mendonça. *A poesia em Goiás*. Goiás: UFG, 1983